

## História

### Ser petroleiro é superar desafios

História de: [Luis Fernando Roberto Patrocínio](#)

Autor: [Ana Paula](#)

Publicado em: 15/12/2021

### Sinopse

Natural de Macaé, Rio de Janeiro, Luis Fernando Roberto Patrocínio, é funcionário da Petrobras, empresa que viu ser implantada na sua cidade natal na década de 1970. Ele discorre sobre a experiência de ser treinado e depois trabalhar numa plataforma, inclusive presenciando acidentes, e define que ser petroleiro é superar desafios.

### Tags

- [Macaé](#); [Petrobras](#); [plataforma](#); [acidente](#); [superação](#); [concurso](#); [manutenção](#); [elétrica](#); [acidente](#); [lazer](#).

### História completa

Projeto Memória da Bacia de Campos Realização Instituto Museu da Pessoa Entrevista de Luis Fernando Roberto Patrocínio Entrevistado por Sérgio Ricardo (Retroz?) Macaé, 04 de junho de 2008 Código: MBAC\_CB027 Transcrito por Winny Choe Revisado por Marina Tunes P/1- Diz o seu nome completo, data em que nasceu e onde nasceu. R - Luis Fernando Roberto Patrocínio, eu sou natural de Macaé mesmo, nasci em 20 de outubro de 1964. P/1- Você nasceu em Macaé. Como é que foi crescer vendo a Petrobras do lado? R - Macaé basicamente era uma cidade do interior, não tinha nada de atividade econômica; era basicamente turística, mas mesmo assim muito pequena. E no decorrer do tempo, a Petrobras foi chegando e... nesse exato local que estamos já foi a rede ferroviária, que era o forte aqui, era a rede ferroviária federal e logo em seguida veio a Petrobras. Como era propriedade do governo, a propriedade do governo implantou a Petrobras nos anos 1970, meados dos anos 1970. P/1- Então quando você era menino não tinha Petrobras aqui? R - Não tinha, não tinha. Quando eu tinha 10 anos, por aí, 10, 11 anos. P/1- Você lembra quando chegou a Petrobras, os comentários? R - Eu lembro dos caminhões botando as pedras no píer, era uma obra grande que a gente nunca tinha visto e ficava na praia assistindo como se fosse um espetáculo ou alguma coisa desse tipo. E, pô, foi interessante, dali pra frente só cresceu. A estrutura aumentou e, até hoje, é isso aí que a gente tá vendo. Essa mega estrutura, isso aqui tá muito grande. P/1- Áreas de lazer, a cidade mudou muito? R - Em termos de lazer? O lazer aqui é basicamente o pessoal ir à praia, o pessoal vai à praia, serra, a princípio. Pra hoje, como é uma cidade basicamente industrial, gira em torno de negócios, a parte de lazer é fraca ainda. Quando tem lazer, o pessoal prefere sair da cidade e ir pra regiões próximas daqui. Região boa, muito bonita, a Região dos Lagos. Lazer mesmo não é o forte da cidade não. No final de semana há um esvaziamento por conta disso. P/1- Você é técnico de manutenção. De onde veio a ideia de seguir essa profissão? R - Foi concurso público. A gente fez escola técnica e tinha formação, aí abriu concurso, a gente foi e fez a prova. E como eles estavam precisando de pessoas com formação técnica, a maioria do pessoal que eu conheço conseguiu passar na prova, que era exatamente o que eles precisavam. P/1- E você se lembra do primeiro dia de trabalho? R - Na verdade, os primeiros dias foram os cursos de formação. Fiquei praticamente um ano fazendo cursos, preparando para embarcar e exercer a função. Então foi um ano como estagiário inclusive. A gente não era nem contratado, não tinha carteira assinada, era estágio probatório. Aí chegou no final desse estágio, quem teve uma média lá, 7, se não me engano, foi efetivado de fato e até hoje estamos aí. P/1- Você lembra o primeiro dia que você embarcou? R - Primeiro dia eu lembro. Foi muita novidade, então foi muito legal. Depois do decorrer dos anos não é a mesma coisa, mas o primeiro embarque é interessante, você aprende muita coisa. Foi na plataforma de Namorado 2, foi na fase de estagiário ainda, não era funcionário da empresa. Fui fazer um embarque de 5 dias junto com a turma que eu tava fazendo, junto com o pessoal do curso, da turma. P/1- E o que você fazia na plataforma? R - Na plataforma eu era operador de produção. Aliás, eu sou técnico de manutenção hoje, mas na época eu era operador de produção, está no crachá inclusive. A gente é responsável pela operação da plataforma em todos os sentidos, tanto na parte de produção como na parte de segurança também, a gente é responsável pela segurança e damos o apoio à segurança. A gente faz parte de brigada, os equipamentos de combate a incêndio, toda a parte de operação, a gente treina pra ficar apto a atuar em cima dessas ocorrências em termos de segurança emergência, etc. P/1- Você lembra alguma situação de emergência que te marcou muito? R - Vários casos [risos], vários. Depois que trabalhei em Pargo, muito tempo no P31, houve um sinistro lá muito grave, nós tivemos sorte de não ter morrido alguém. Houve um retorno de gás pra dentro da lavanderia, entendeu? O pessoal não detectou isso, foi uma falha que houve, aí passou gás pra dentro da lavanderia e foi direto pras máquinas industriais, as máquinas de lavar. Essas máquinas são multiestágios, uma hora ela enxágua, outra hora ela lava. Então nessa troca, quando o sistema elétrico faz essa troca, sempre fásca, o equipamento elétrico fásca, e, como tinha gás lá dentro, houve uma explosão muito forte. A pessoa que trabalha na lavanderia, uma menina chamada Valéria, a sorte é que ela não estava dentro da lavanderia, porque de fato não sobrou nada da lavanderia. Se ela tivesse lá dentro com certeza, ela não sobreviveria, queimou tudo dentro da lavanderia. Foi um episódio que eu presenciei, fora os que eu já ouvi falar dos amigos, a

gente não estava presente, mas esse eu estava presente, estive ali e foi muito grave o negócio. P/1- O que você teve de fazer lá? R - Quando houve a explosão comprometeu muita coisa lá, porque essa área da lavanderia é uma área que passa muito cabo elétrico, encanamento, a parte estrutural, a parte vital, e houve o comprometimento disso. A atuação minha... eu tive que correr todos esses cabeamentos. Porque a minha parte era mais elétrica, eu tive que checar toda, eu e o pessoal da equipe, checar todo o cabeamento pra ver se não houve comprometimento pra poder voltar com a geração. A gente não podia voltar com o gerador se tivesse os cabos ou painéis comprometidos. Nós ficamos... a explosão foi na hora do almoço e nós ficamos até a noite, três horas da manhã, fazendo esses checks pra poder retornar pelo menos com a geração básica, pra você manter a habitabilidade da plataforma, se precisa ter energia. Trabalhando em cima da energia, no restabelecimento da energia nesse episódio. P/1- Tem outros episódios assim que você lembra? R - Que eu presenciei de acidentes...por incrível que pareça, eu mesmo já me acidentei, mas não foi um acidente, foi de trabalho, porque eu tava embarcado, mas foi jogando bola na plataforma. [risos] Eu quebrei o pé jogando bola, desembarquei às pressas, e fui acidentado na hora de lazer na plataforma. Mas o sinistro que mais me marcou na minha jornada de fato foi o 36, sem dúvida nenhuma. Inclusive, dessa turma que eu te falei anteriormente, que entrou na empresa, que a gente fez estágio pra ser admitido, eu perdi um amigo dessa turma nesse acidente da P36, um amigo da cidade de Campos. Quando eu fiquei sabendo disso eu fiquei muito triste, chocou todo mundo, o país todo. O mundo ficou sabendo, foi um choque. P/1- E como era o cotidiano lá na plataforma? Você disse que jogava futebol... R - Futebol, futebol. Tinha o pessoal do carteadado também, que joga todo dia, mas eu não jogava carteadado porque o pessoal fuma e incomoda o ambiente. Você imagina o ambiente, o pessoal fumando e tal. E tem uma academia de musculação; fazia academia, ginástica e tinha uma quadra pra jogar bola, e jogava vôlei também, não só futebol. E o pessoal incentivava também a atividade nessa área de esporte, volta e meia tinha torneios, faziam as equipes e a gente disputava eles. Os torneiozinhos internos lá só pra confraternização, porque 14 dias, só pra 14 dias, rende bem, demora bastante. Principalmente se for noturno, se for à noite demora mais ainda então. A gente tinha, após o trabalho, que fazer algum tipo de lazer pra deixar e desestressar e passar um tempo. P/1- Você lembra de alguma amizade que te marcou muito? R - Cara o que me marcou, a primeira plataforma que eu fui foi em Pargo. O que eu posso destacar, que mais me marcou que... interessante que isso não acontece hoje. Você chega na plataforma e a maioria é o pessoal novo, igual a você, da mesma idade, da mesma faixa etária e isso é muito legal. Você chega novo, 20 e poucos anos, a maioria era igual a você, vinte e poucos anos. Tinha um pessoal mais antigo, mas são poucos. Hoje em dia não, você vai embarcar e é bem mesclado, não tem uma faixa dominante. Mas isso é uma coisa que me marcou, tem esse pessoal da minha época, da minha idade, faixa etária e o que me marcou é que toda vez que eu encontro com eles a gente bate um papo sobre isso, sobre a época lá. Eu já não tô mais junto com eles, tô em terra agora, mas o legal é que a gente encontra o pessoal e sempre tem assunto, mata a saudade, como que tá a família, o que ele fez, quantas vezes casou, quantas vezes separou, tem muito disso também, o que rola mais, né? P/1- E tinha muita brincadeira? R - Um bando de jovem na plataforma devia sair muita brincadeira. Muita coisa, pegadinha que a gente fazia lá, tinha muita coisa. Descobri uma história engraçada, eu não lembro bem o pessoal, mas o cara fez uma aposta na Mega Sena, acho que era Loto na época, sei lá. E o cara tava no camarote, foi escovar os dentes e deixou o camarote aberto. Aí o outro cidadão, companheiro dele, viu o número que ele apostou, anotou e depois espalhou pra plataforma toda que o resultado do sorteio era aquele. Aí o cara, pô, ficou doido. “Ganhei, vou pedir conta, amanhã tô desembarcando, vou pedir pra descer.” Aí no outro dia, era tudo mentira, era pegadinha, não tinha nada disso os números, não deu nem um que ele tinha jogado. Aí ele ficou bem... Levou na boa, levou na esportiva e o tipo de brincadeira é desse tipo assim. E tinha umas brincadeiras mais apimentadas que foram proibidas na época: os pisos, os andares externos eram gradeados, você vê debaixo pra cima. Aí tinha uma galera muito apimentada, tanto apimentada que era proibido. Era dar banho nos outros, você tava passando na área assim, e, de repente, caiu uma água que ninguém sabia onde aparecia e não via ninguém. O cara ficava esperando você com um balde e você tinha que ir lá trocar o macacão, colocar outro de novo. E correr o risco de tomar outro banho também, os caras não desistiam não. Enquanto não gerassem, ficavam perseguindo o sujeito. Essa foi proibida por questões de segurança, porque teve um cidadão que tomou um susto, foi querer correr e bateu com a face na estrutura lá, e dali pra frente o negócio foi proibido, então pra evitar coisas piores o negócio foi proibido. Mas brincadeira tem muita piada, o pessoal brincava muito por lá. E quando o pessoal é da mesma faixa etária... você imagina, porque tem o pessoal mais antigo e o pessoal mais novo, o pessoal mais novo brincava muito. Era muito legal, mas não no serviço, no horário de lazer. [risos] P/1- O que é ser petroleiro, hein, Luís? R - Ser petroleiro aqui no Brasil - e acredito que em qualquer lugar, mas eu conheço só o Brasil - eu acredito que ser petroleiro é superar desafios. Tô falando focado aqui na nossa Petrobras, porque desses 19 anos de empresa, eu vi essa empresa crescer e o porte que ela tem hoje, eu nunca vi uma empresa crescer tanto. Então no decorrer dessa jornada, é muito desafio, não são poucos não e até hoje temos muitos desafios. Então ser petroleiro pra mim é sinônimo de superação. Quem tá de fora nunca imagina o que se passa, o que se vê. Qual o dia a dia de muito trabalho e no final é recompensa, existe a recompensa, a gente sente orgulho no final. P/1- O que você achou dessa iniciativa de estar colhendo depoimentos aqui? R - Pô, legal isso, vai ficar na história, isso é um registro que vai ficar pras gerações futuras, o pessoal vai ver. E tem vários amigos que estão saindo hoje, vai chegar minha vez e o pessoal que tá entrando e o pessoal que vai entrar ainda. Nós temos petróleo pra muito tempo aí, descobrimos mais e temos petróleo pra muito tempo. Então vai ter emprego pra gente e pros meus filhos e pros meus netos, com certeza. E esse registro vai ficar aí pra eles aprenderem mais sobre o passado da empresa. O que ela foi, o que ela é e o que ela será no futuro. Beleza? P/1- Bacana. --- FIM DA ENTREVISTA ---